

Isaias 80 anos¹

Walter Colli²



É difícil falar do Isaias depois que todos falaram. Já escrevi e falei tantas vezes sobre ele que até fico constrangido, pois, é impossível não repetir o que já disse e que tantos disseram.

Seria repetitivo dizer que Isaias sempre ataca problemas que afetam grandes coletividades. Todas as suas iniciativas na área educacional trazem no seu bojo a necessidade de revolucionar: por exemplo, os kits com materiais baratos para facilitar o contato da maioria com experimentação científica, começando com

o kit na maleta, o Museu do Colégio Anglo-Latino, os kits do Instituto Brasileiro de Educação, Cultura e Ciência (Ibccc) e da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento de Ensino de Ciências (Funbec),

¹ Discurso feito durante a comemoração de aniversário de 80 anos do Prof. Isaias Raw

² Pesquisador do Instituto de Química da Universidade de São Paulo e ex-diretor do Instituto Butantan. wcolli@usp.br

os livros do Centro de Estudos de Ciência de São Paulo (Cecisp), o Museu de Microbiologia e junto com esse Museu lá vêm os kits de novo; o vestibular unificado nas universidades através do Cescem, uma idéia que veio para ficar; as vacinas para todos; os hemoderivados, um sonho que ainda dará certo. Isaias busca o tempo todo construir instrumentos para transformar em *commodities* a educação e a saúde – com qualidade, é bom que se diga – a fim de que todos a elas possam ter acesso.

A necessidade de ajudar grandes coletividades, que sempre manteve em tudo que fez, pode ser exemplificada com a seguinte passagem que testemunhei. Eu estava nos Estados Unidos em 1969 quando recebi um telefonema e era ele em Nova Iorque me avisando que havia sido cassado. Nos encontros que mantivemos disse-me que iria para Israel, primeiro porque tendo sido escorraçado de sua pátria, o Brasil, de repente sentiu-se judeu e segundo porque de lá poderia comandar uma revolução educacional a ser exportada para toda a África. Todos aqui já reconheceram o Isaias. Mas isso não é nada. Depois de um ano ele voltou para os Estados Unidos. Ai eu perguntei por que havia voltado. E ele disse: “Israel é um país muito pequeno para mim”

Será repetitivo dizer – pois já disse na homenagem feita pela Sociedade Brasileira de Bioquímica e Biologia Molecular – que Isaias é um João Teimoso, já que na sua caminhada levou vários tombos, impostos por adversários em geral invejosos porque medíocres. Tombou e voltou à posição inicial, mas sempre avançado. Recordei dos versos de Haroldo de Campos, o poeta concretista, para mostrar que a vida de Isaias é um eterno recomeço. Suas idéias são simples: encontrar meios para democratizar a educação e a saúde. É o maior especialista em políticas públicas que já conheci, pois, nunca discute – sabe o que tem que fazer e faz. Por isso, temos a impressão que Isaias ainda em círculos, mas como cada vez aumenta a sua ambição do fazer e o conhecimento do saber fazer, os círculos são na verdade uma espiral, uma hélice que progride em passo largo. Agora são as vacinas, a tríplice com hepatite B, contra dengue,

a gripe, a gripe aviária, o rotavírus, a coqueluche, o pneumococo, a hepatite B com BCG, a leishmaniose, o Botox que quando eu diretor do Instituto sugeri que fosse Butantantox e o surfactante pulmonar, projeto iniciado há pelo menos 9 anos. O que será quando você, Isaias, fizer 90 anos? Tenho certeza que estaremos fazendo discurso sobre hemoderivados.

A Anita Colli lembrou bem que você é o maior exemplo de que a Lei que obriga as pessoas a se aposentar aos 70 anos está fora de moda. Mas o Brasil tem sorte porque os brasileiros às vezes, têm o bom senso de relativizar esquisitices da Lei. De alguma forma, o Instituto Butantan o acolheu e através da Fundação você continua a fazer aquilo em que acredita. É o jeitinho, expressão brasileira para designar a desobediência civil. Ensinaram-me que o jeitinho é uma forma de corrupção. Pode até ser, às vezes é. Mas já maduro concluí que ele também, na verdade, é uma forma de resistência.

Isaias é um resistente. À sua maneira e agindo ele resiste tenazmente contra a mediocridade e o obscurantismo. Resistamos pois.

E a resistência, Isaias, passa pelo combate ao obscurantismo crescente que invade o mundo e o Brasil. São as crenças na astrologia, nas mezinhas dadas em lugar dos remédios, nos chazinhos, na crença de que a força de vontade combate a doença em lugar da terapêutica e mais recentemente no ambientalismo. Não se negue que temos responsabilidade sobre a destruição do ambiente, que algo temos que fazer para evitar o lixo, a poluição das águas, a destruição das florestas e os problemas genuínos criados pela civilização e que agriem a natureza. Mas ao olhar o passado e resolver os problemas, em vez de encontrarmos uma forma racional de ação, fundamentada na experimentação, criamos uma religião.

Depreende-se da antropologia – diz Michael Crichton – que certas estruturas sociais humanas sempre reaparecem. Impossível eliminá-la mesmo daqueles que não acreditam em religião porque ela faz parte da psique da humanidade. Se uma das formas de religião é suprimida, ela re-emerge de outra forma. Para Crichton, o ambientalismo é a religião dos ateus urbanos.

Diz Crichton que nessa religião há um paraíso inicial, um Éden, um estado de graça, uma união indelével com a natureza. Mas há desgraçadamente uma perda desse estado de graça e uma queda para um estado de poluição em consequência de nos nutrirmos da árvore do conhecimento e o dia do juízo final certamente virá.

Somos todos pecadores e somente podemos nos salvar se buscarmos salvação em algo denominado sustentabilidade. Nessa religião, sustentabilidade é a salvação e a hóstia da comunhão, uma hóstia isenta de pesticidas, é a comida orgânica.

Essa religião, Isaias, se voltou contra a Ciência. Os Ibamas e o CGENs não estão tão preocupados com aqueles que contrabandeiam milhares de aves, mamíferos, peixes para vender alhures, nem com a biodiversidade que acompanha toneladas de toras de madeira retiradas da Amazônia de forma ilegal. Mas estão muito preocupados com o cientista que precisa de licenças para apanhar um besouro. E assim prendem um estudante colombiano do Jardim Botânico porque se atreveu a pegar uma folha de árvore na Amazônia para comparar com uma espécie relacionada da Colômbia. Ou infernizam o Carlos Jared deste Instituto – a quem presto uma homenagem pública – porque estava enviando um bichinho para um colega no exterior a fim de classificá-lo. Após um ano, ainda é tratado como biopirata em clima policialesco. Como diz meu amigo Osvaldo Sant’Anna, com essa legislação, Vital Brazil e Carlos Chagas estariam na cadeia. E assim vai-se matando a pesquisa em nome da biodiversidade – mera palavra vazia – colocada no altar da religião ambientalista. Como diz Jared, são tempos bicudos esses para a Ciência. Tenho a impressão de que logo aparecerá um político oportunista que irá se apropriar desse discurso e transformar-se em Lysenko caboclo.

Resistamos pois.

Em 1957 conheci Isaias porque ele havia montado uma disciplina de Genética. Naquela época, a Faculdade de Medicina desconhecia a Genética e ele ofereceu a disciplina aos alunos do primeiro ano para quem quisesse assistir. No fim do curso ele disse que tinha

lugar no laboratório para 3 alunos trabalharem. Lá fui eu e de lá nunca mais saí. Desde então a vida às vezes nos separou e às vezes nos trouxe bem próximos, mas em todas as vezes que nos encontramos tenho a impressão de estar retomando um diálogo inconcluso. É como se tivéssemos parado de conversar por um minuto e, no minuto seguinte, tivéssemos retomado o diálogo.

Isaias anteontem fez 68 anos. Desde que lhe conheço, nossa diferença é de 12 anos. Por mais que me esforce não consigo me aproximar. Mas nesse percurso da hélice assestada para o infinito que você trilha com tanto brilhantismo eu venho atrás tentando alcançá-lo.

Parabéns, meu professor.